



Correio do Bem



Para refletir...

Amor, simplesmente amor

Amor, simplesmente amor,
Por mais que o mundo o degrade
Mais fulge quando aparece
Em nome da caridade.

Só existe céu no céu,
Quando a morte nos reclama,
Se temos ao nosso lado
O coração que se ama.

Amor enquanto na Terra,
Força que não se traduz,
Mistura de paz e guerra,
Pranto e riso, treva e luz.

Amor quando chega ao Céu,
Purificado, a contento,
Lembra o perfume da rosa
Em busca do firmamento.

Quanto mais perto do Cristo,
Amor, no fundo, é assim:
Um sacrifício constante
Numa alegria sem fim.

Amor se ama, de todo,
Voa ou caminha de rastros,
Desce mais baixo que o lodo
Ou vibra acima dos astros.

Targélia Barreto

(Fonte: Xavier, F. C. Trovas do Mais Além)

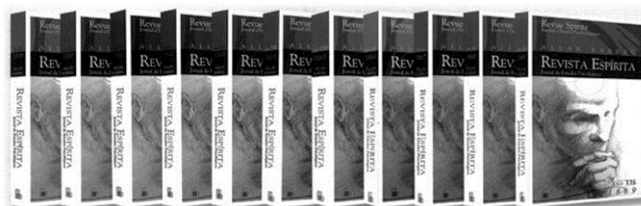
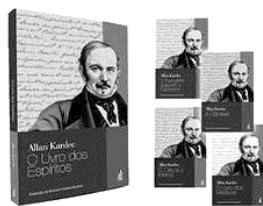
Dep. de Assistência Social (DAS)

Prece de Cáritas

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade! Deus, Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai, Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai. Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte, a paz, a esperança, a fé. Deus! Um raio, uma faísca do Vosso Amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh Poder!, oh Bondade!, oh Beleza!, oh Perfeição!, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina Misericórdia. Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, afim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem. Assim Seja.

Cáritas era um espírito que se comunicava através de uma das grandes médiuns de sua época – Mme. W. Krell – em um grupo de Bordeaux (França), sendo ela uma das maiores psicografas da História do Espiritismo, em especial por transmitir poesia. A prece de Cáritas foi psicografada na noite de Natal, 25 de dezembro, do ano de 1873, ditada pela suave Cáritas, de quem são, ainda, as comunicações: “Como servir a religião espiritual” e “A esmola espiritual”.

Desvendando a Codificação



Temor da morte (Parte 1)

O homem, seja qual for a escala de sua posição social, desde selvagem tem o sentimento inato do futuro; diz-lhe a intuição que a morte não é a última fase da existência e que aqueles cuja perda lamentamos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada do que a do nada. Como é possível que ainda se encontre, entre os que creem na imortalidade da alma, tanto apego às coisas da Terra, e tão grande temor da morte?

Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário enquanto o homem não estiver bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao seu próprio adiantamento.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza, mas ainda atenuada por secreto apego à vida corporal.

À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreende melhor a sua missão na Terra, lhe aguarda o fim com mais calma, mais resignação, e sem medo. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às ideias, outro objetivo ao trabalho; antes dela, nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro, sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou má direção deste. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

Para libertar-se do temor da morte é mister poder encarar-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento o mundo invisível e deste fazer uma ideia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. Nos que não são suficientemente avançados, a vida material ainda prevalece sobre a vida espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, em vez de concentrar o pensamento na roupagem externa, o dirigisse para a fonte mesma da

vida, sobre a alma, que é o ser real e sobrevivente a tudo, lamentaria menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na madureza.

O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio de que a destruição do corpo seja o fim de tudo. É, ainda, provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza.

Esse temor decresce à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa.

Eis aí o lado providencial da questão. Era prudente não deslumbrar o homem cuja razão ainda não fosse bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que o teria feito negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Este estado de coisas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que o progresso fará desaparecer. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia contentar as inteligências pouco desenvolvidas, mas que não conseguiria satisfazer a razão esclarecida dos pensadores refletidos. Assim, dizem estes: “Desde que nos apresentam como verdades absolutas princípios contestados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que eles não são verdades.” Daí, a incredulidade de uns e a crença dúbia de um grande número. A vida futura é-lhes uma ideia vaga, antes uma probabilidade do que certeza absoluta; acreditam, desejariam que assim fosse, mas apesar disso exclamam: “Se, todavia, assim não for! O presente é positivo, ocupemo-nos dele primeiro, que o futuro por sua vez virá.”

E, depois, acrescentam, definitivamente que é a alma? É um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como se sente, vê ou percebe? É que a alma não lhes parece uma realidade efetiva, mas uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos no seu modo de pensar, estão perdidos, e não têm mais aos seus olhos as qualidades pelas quais se lhes fizeram amados; não podem compreender o amor de uma faísca nem o que a ela possamos ter, e eles próprios dão-se por satisfeitos com a perspectiva de se transformarem em mônadas. Justifica-se assim a preferência ao positivismo da vida terrestre, que algo possui de mais substancial, sendo considerável o número dos que se deixam dominar por este pensamento.

(Continua...)

Allan Kardec

(Fonte: KARDEC, A. *Revista Espírita*, fev. 1865.)

O Evangelho por Emmanuel

Que fazeis de especial?

“Que fazeis de especial?” — Jesus (Mateus, 5:47).

Iniciados na luz da Revelação Nova, os espiritistas cristãos possuem patrimônios de entendimento muito acima da compreensão normal dos homens encarnados.

Em verdade, sabem que a vida prossegue vitoriosa, além da morte;

que se encontram na escola temporária da Terra, em favor da iluminação espiritual que lhes é necessária;

que o corpo carnal é simples vestimenta a desgastar-se cada dia;

que os trabalhos e desgostos do mundo são recursos educativos;

que a dor é o estímulo às mais altas realizações;

que a nossa colheita futura se verificará, de acordo com a sementeira de agora;

que a luz do Senhor clarear-nos-á os caminhos, sempre que estivermos a serviço do bem;

que toda oportunidade de trabalho no presente é uma

bênção dos Poderes Divinos;

que ninguém se acha na Crosta do Planeta em excursão de prazeres fáceis, mas, sim, em missão de aperfeiçoamento;

que a justiça não é uma ilusão e que a verdade surpreenderá toda a gente;

que a existência na Esfera física é abençoada oficina de trabalho, resgate e redenção

e que os atos, palavras e pensamentos da criatura produzirão sempre os frutos que lhes dizem respeito, no campo infinito da vida.

Efetivamente, sabemos tudo isto.

Em face, pois, de tantos conhecimentos e informações dos Planos mais altos, a beneficiarem nossos círculos felizes de trabalho espiritual, é justo ouçamos a interrogação do Divino Mestre: — Que fazeis mais que os outros?

Emmanuel

(Fonte: XAVIER, F. C. *Vinha de Luz*, cap. 60.)

Juventude Espírita

Ser jovem

O general Mac Arthur teve oportunidade de se pronunciar a respeito das fases da vida e o fez nos seguintes termos:

A juventude não é um período da vida. Ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação.

É uma intensidade emotiva, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor ao conforto.

Não é por termos vivido um certo número de anos que envelhecemos. Envelhecemos porque abandonamos o nosso ideal.

Os anos enrugam o rosto. Renunciar ao ideal enrugam a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que lentamente nos inclinam para a terra e nos tornam pó antes da morte.

Jovem é aquele que se admira, que se maravilha e pergunta, como a criança insaciável: e depois?

É aquele que desafia os acontecimentos e encontra alegria no jogo da vida.

Considerando tudo isso, com certeza, é que Malba Tahan dizia que não importava se ter noventa, trinta ou dezessete anos.

Porque, afirmava, só o homem comum envelhece com o passar dos dias e dos anos.

O Espírito superior, porém, indiferente ao escoar do tempo, só envelhece com a perda dos seus ideais, o aniquilamento das suas ilusões e com o abandono de seus sonhos.

A mocidade é medida pela confiança e pelo esplendor dos seus sonhos.

Pode-se ser jovem com a própria fé, a coragem, que ultrapassa a timidez.

Pode-se ser velho com nosso próprio medo. A velhice se implanta quando a ânsia de aventura é vencida pelo desânimo e a pessoa somente deseja ficar repousando, viver tranquila.

Assim, seremos jovens enquanto nos conservarmos receptivos às mensagens da natureza. Enquanto tivermos olhos de ver a diversidade infinita de cores da paisagem.

Enquanto tivermos ouvidos de ouvir a melodia do vento nos ramos do salgueiro e o tamborilar da chuva no telhado, escorrendo pela calha.

Seremos jovens enquanto nos deixarmos arrebatados por tudo que é belo, bom, grande.

Enquanto o verde da esperança predominar na policromia da nossa alma. Enquanto o desânimo não conseguir adentrar a porta do coração e a preguiça não dominar a mente.

Enquanto tivermos forças para tecer a colcha de retalhos da nossa vida com sentimentos positivos: um quadradinho azul de amor, um quadradinho rosa de perdão. Um retalhinho lilás de compreensão. Um arremate branco de amizade.

Se temos um trabalho para cansar, uma tristeza para sentir, uma comida da qual reclamar, não nos permitamos enrugarmos, envelhecendo.

Se nosso sonho foi desfeito, permitamo-nos outros sonhos e sigamos em frente.

Lembremos de agradecer a Deus, pelo que temos, pelo que o dia nos oferece. Pois existem muitos que dariam tudo para estar em nosso lugar.

(Redação do Momento Espírita, com base no cap. O tempo, e Malba Tahan; no cap. Lembre-se, de autoria desconhecida e no cap. Ser jovem, do general Mac Arthur, do livro *Momentos de luz*, v. 1, ed. Kuarup.)

Cantinho da Criança



O relógio

O colégio onde eu estudava quando menina costumava encerrar o ano letivo com um espetáculo teatral. Eu adorava aquilo, porém nunca fora convidada para participar, o que me trazia uma secreta mágoa. Quando

fiz onze anos avisaram-me que, finalmente iria ter um papel para representar. Fiquei felicíssima, mas esse estado de espírito durou pouco. Escolheram uma colega minha para o desempenho principal. A mim coube uma ponta de pouca importância. Minha decepção foi imensa. Voltei para casa em prantos. Mamãe quis saber o que se passava e ouviu toda a minha história entre lágrimas e soluços. Sem nada dizer ela foi buscar o bonito relógio de bolso de papai e colocou-o em minhas mãos, dizendo:

- Que é isso que você está vendo?
- Um relógio de ouro com mostrador e ponteiros.

Em seguida mamãe abriu a parte traseira do relógio e repetiu a pergunta:

- O que você está vendo?
- Ora mamãe, aí dentro parece haver centenas de rodinhas e parafusos.

Mamãe me surpreendia, pois aquilo nada tinha a ver com o motivo do meu aborrecimento, entretanto, calmamente ela prosseguiu:

– Este relógio tão necessário ao seu pai e tão bonito seria absolutamente inútil se nele faltasse qualquer parte, mesmo a mais insignificante das rodinhas ou o menor dos parafusos.

Nós nos entretíamos e no seu olhar calmo e amoroso, eu compreendi que sem que ela precisasse dizer mais nada. Essa pequena lição tem me ajudado muito a ser mais feliz na vida, aprendi com a máquina daquele relógio, quão essenciais são mesmo os deveres mais ingratos e difíceis, que nos cabem a todos. Não importa que sejamos o mais ínfimo parafuso ou a mais ignorada rodinha, desde que o trabalho, em conjunto, seja para o bem de todos. E percebi também que se o esforço tiver êxito o que menos importa são os aplausos exteriores. O que vale mesmo é a paz de espírito do dever cumprido.

(Fonte: RODRIGUES, W. L. V. E, *para o resto da vida*, cap. 5)

Palestras mensais

Como parte das atividades de estudo e divulgação da casa, a SEOB convida a todos para os eventos:



Palestra com Américo Sucena
(São Paulo/SP)

Tema: *Falando de Ensinar e Aprender*

Data: 02 de julho (sábado)

Horário: 15h30min-16h30min



Palestra com Paulo Scanavez
(São Carlos/SP)

Tema: *Alfabetização afetiva*

Data: 24 de julho (domingo)

Horário: 09h30min-10h30min

A entrada é franca. Venha refletir conosco!...

Vem aí!...

4º Encontro “Sob a luz do Evangelho”

O Evangelho e o alvorecer de uma Nova Era

“E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação da era.”

Seminário com
Haroldo Dutra Dias

28 de agosto de 2016 (domingo)
9h-10h30min (Abertura / 1ª Parte)
10h30min-11h (Intervalo para autógrafos)
11h-12h (2ª Parte / Encerramento)

* Lotação máxima: 1000 pessoas

Local: CENACON – Nacional Inn
Av. Getúlio Vargas, 2330 – São Carlos/SP

Organização e apoio: